



Introdução

No ano de 2012, a taxa de detecção de casos do vírus da AIDS em Porto Alegre/RS atinge índices alarmantes, destacando uma onda crescente de notificações entre homens que fazem sexo com outros homens (HSH), principalmente entre os mais jovens (BRASIL, 2013). Para uma melhor compreensão desse panorama, além de uma aproximação direta a esse contexto, seria necessário discutir como as políticas públicas de saúde acessam estes casos, tendo em vista que tais agrupamentos identitários passam pelo crivo de discursos entrelaçados por leituras higienistas e estigmatizantes.

O termo HSH, por exemplo, contextualizado historicamente, surge a partir da emergente necessidade de utilização de uma descrição politicamente adequada que integrasse pela prática sexual sujeitos com diferentes posicionamentos identitários (BOELLSTORFF, 2011). Sua caracterização apesar de ser um marco de pretensa desestigmatização, gera questionamentos acerca da abrangência em relação às possibilidades de expressão de sexualidade, gerando tensionamentos em torno do quanto existe uma primazia da acessibilidade sobre a performatividade. Performatividade, segundo Butler (1990), entende que o sujeito se constitui a partir da **produção de si**, o “eu” se encontra posteriormente ao ato, interpelando sua discursividade sobre o seu fazer em continuidade.

A **autonarratividade** do sujeito é composta pela relação de movimento constante das noções de sentido sobre si, não dependendo apenas de uma estruturação da comunicação, mas de como suas diferentes variações se apresentam na rede semântica na qual o sujeito está inserido (BAKHTIN, 2015).

Da interface entre estes conceitos, surgiu a escolha do aplicativo de procura de parceiros entre homens chamado Grindr como objeto de estudo, que funciona por meio da geolocalização buscando usuários por proximidade, podendo observar até 99 perfis, com a possibilidade de trocar mensagens privadas, fotos e mapas com a localização de cada um. Dentro do espaço do aplicativo, ocorreu o encontro com usuários familiarizados com a prática de Bareback, que é o ato de manter relações sexuais intencionais sem o uso de preservativos. Desta forma percebe-se o Grindr como dispositivo de autoprodução e autonarração de conexão ininterrupta, permitindo uma nova vivência através de:

- Formas contemporâneas das relações de sigilo e descrição (MISKOLCI, 2014)
- Novas possibilidades de gestão dos segredos relacionados a sexualidade
- Utilização de espaços públicos a partir da virtualidade do aplicativo, ainda que exista uma porosidade com noções de gueto e território (WACQUANT, 2004; PERLONGHER, 2008)

Método

Partindo de uma compreensão qualitativa, o projeto articula um percurso através da netnografia, que permite imersão do pesquisador(a) nas dinâmicas do ambiente on-line, buscando entender as possibilidades autonarrativas e de exercício da sexualidade dos usuários de aplicativos de geolocalização em Porto Alegre/RS, com a coleta gerando informações em decorrência da realização de entrevistas narrativas e a análise de perfis em pontos distintos da cidade (seguindo a divisão dos pontos de acordo com as microrregiões de planejamento urbano de Porto Alegre). Foi criado um perfil (entendido como institucional, já que possui o nome e a foto do grupo) para abordar os usuários, explicitando que era destinado para pesquisa e explicando quais os objetivos caso houvesse a dúvida de possíveis entrevistados. As entrevistas buscaram considerar a narrativa dos usuários partindo de um modelo não estruturado, permitindo que os sujeitos indiquem suas implicações.

Resultados

Apesar do compartilhamento dos usuários da plataforma da noção de pertencimento identitário à população de prática estigmatizada, os usuários interagem nesse campo de virtualidade de maneiras particulares, negociando noções de gestão de risco e cuidado. Nas entrevistas no espaço do Grindr, se entende que os usuários relatam as práticas de bareback como uma forma de performatividade mediada e as estratégias de autogerenciamento – de quando, como e com quem praticar – são entendidas como formas de cuidado, tendo em vista as negociações que se iniciam desde a rede linguística estabelecida na formulação das descrições de perfil (questionando – ou não – concepções heteronormativas relacionadas a busca por parceiros sexuais). Nos perfis demonstra-se uma comunicação pelo uso de fotos, tanto uma espécie de sigilo já que predominam os perfis que não mostram os rostos, quanto demonstrando um padrão de estética que sugere uma necessidade de parecer saudável (entendendo magreza e gordura em excesso como não-saudáveis). Surgiram as indicações de preferências por estereótipos de masculinidade, assim como o recorte de classe que surge na microrregião que compõe a maior parte dos bairros de classe média e alta, onde existe um número consideravelmente mais alto de perfis mostrando fotos de seus rostos.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail (2015). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Huicitec.
- BOELLSTORFF, Tom. But do not identify as gay: a proleptic genealogy of the MSM category. *Cultural Anthropology*, v. 26, n. 2, p. 287-312, maio 2011.
- BRASIL. (2013). Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. *Boletim Epidemiológico HIV/Aids*. Brasília. 68p
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.
- PERLONGHER, Nestor. O negócio do michê. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.
- WACQUANT, Lo. Editora Un gueto? Construindo um conceito sociológico. *Revista Sociologia e Política*, Curitiba, v. 23, p. 155-164, nov. 2004.